



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

As especificidades lacanianas na oposição psicose/autismo

Michel Grollier

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6844-8897>

Psicanalista

Membro da École de la Cause freudienne et da Association Mondiale de Psychanalyse (Paris, France)

Professor na Université de Rennes 2 (Paris, France)

E-mail: michel.grollier@univ-rennes2.fr

Resumo: Temos uma abordagem da clínica das crianças autistas em torno de uma relação singular à voz do Outro, o que quer dizer o lugar de origem dos significantes, que se encarna habitualmente na mãe e em alguns parceiros da criança. A questão sendo aqui, como diz Lacan, a de ver de onde eles ouviram o que eles produzem para nós. Isto está em ligação com a própria clínica de Kanner, que procura de onde vêm os enunciados surpreendentes dos autistas. Tendo esse ponto de partida, apresentaremos as especificidades lacanianas na oposição psicose/autismo a partir dos trabalhos de diversos psicanalistas que se destacam na área.

Palavras-Chave: Autismo; psicose; corpo; voz; pulsão.

Les spécificités lacaniennes dans l'opposition psychose/autisme : Nous avons une approche de la clinique des enfants autistes autour d'un rapport singulier à la voix de l'Autre, c'est-à-dire le lieu d'origine des signifiants, qui s'incarne habituellement dans la mère et les quelques partenaires de l'enfant. La question étant ici, comme le dit Lacan, de voir d'où ils ont entendu ce qu'ils nous produisent. Ceci se lie à la clinique même de Kanner qui cherche d'où viennent les énoncés étonnants des autistes. Avec ce point de départ, nous présenterons les spécificités lacaniennes dans l'opposition psychose / autisme à partir des travaux de plusieurs psychanalystes d'importance dans le domaine.

Mots-Clés : Autisme; psychose; corps; voix; pulsion.

Lacanian specificities in the psychosis/autism opposition: We have an approach to the autistic children's clinic around a singular relationship to the voice of the Other, which means the place of origin of the signifiers, which is usually embodied in the mother and in some of the child's partners. The question being here, as Lacan says, is to see where they heard what they produce for us. This is in connection with Kanner's own clinic, which looks for where the surprising statements of autists come from. With this starting point, we will present the Lacanian specificities in the opposition psychosis / autism from the work of several important psychoanalysts in the area.

Keywords : Autism; psychosis; body; voice; drive.

As especificidades lacanianas na oposição psicose/autismo

Michel Grollier

Com Lacan, há primeiramente duas frases que foram retomadas várias vezes e cuja forma completa se encontra no texto *O Aturdido*: «Que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve. Esse enunciado, que parece de asserção, por se produzir numa forma universal, é de fato modal, existencial como tal: o subjuntivo com que se modula seu sujeito é testemunha disso » (Lacan, 1972/2001, p. 449). O dizer como traço do sujeito se encontra subvertido pelo que é dito em como é ouvido. Como não pensar aí na conversação de Lacan com o Dr. Cramer durante a conferência sobre o sintoma em Genebra em 1975, Cramer tomada o exemplo das crianças autistas com quem trabalhava. Cramer aborda a questão do lado da criança, o « ainda é necessário que a criança a ouça », no que se refere à mãe. Para Lacan, ouvir faz parte da palavra, ele precisa : « Que você levante a questão que haja seres que nada ouvem é sugestivo, certamente, mas difícil de imaginar ». Cramer então avança a questão das crianças autistas e Lacan diz :

Como o nome indica, os autistas ouvem a eles mesmos. Eles ouvem muitas coisas. Isso normalmente leva à alucinação, e a alucinação tem sempre um caráter mais ou menos vocal. Nem todos os autistas ouvem vozes, mas eles articulam muitas coisas, e o que eles articulam, trata-se justamente de ver de onde eles ouviram » (Lacan, 1975/1985, p. 5).

Portanto, nós temos uma abordagem da clínica das crianças autistas em torno de uma relação singular à voz do Outro, o que quer dizer o lugar de origem dos significantes, que se encarna habitualmente na mãe e em alguns parceiros da criança. A questão sendo aqui, como diz Lacan, a de ver de onde eles ouviram o que eles produzem para nós. Isto está em ligação com a própria clínica de Kanner, que procura de onde vêm os enunciados surpreendentes dos autistas.

Quando Cramer diz que eles não chegam a nos ouvir, Lacan corrige : « Mas isso é absolutamente outra coisa. Eles não chegam a ouvir o que vocês têm a dizer a eles, enquanto vocês se ocupam deles » (Lacan, 1975/1985, p. 5). É, portanto, diretamente o lugar do parceiro, que supõe uma enunciação daquele que vem se ocupar da criança, que não pode encontrar endereço. E quando Cramer explica que para ele a linguagem é fechada, Lacan (1975/1985, p. 18) retoma : « É muito precisamente isso que faz com que nós não os escutemos. É que eles não os escutam. Mas, enfim, há seguramente alguma coisa a lhes dizer ». Lacan nos orienta, portanto, em direção às condições necessárias para um dizer que toma o lugar do sujeito autista sem visá-lo em uma interlocução que suportaria nossa demanda. E Lacan (1975/1985), que sustenta sua

posição sobre o humano como ser de linguagem, feito para a linguagem em sua própria humanidade, vai insistir sobre a questão dos autistas:

Trata-se de saber porque há algo no autista, ou no chamado esquizofrênico, que se congela, poderíamos dizer. Mas o senhor não pode dizer que ele não fala. Que o senhor tenha dificuldade em ouvir, em dar seu alcance ao que eles dizem, não impede que eles sejam finalmente personagens muito verbosos. (Lacan, 1975/1985, p. 18)

Com Lacan, nós temos, portanto, um ponto que faz obstáculo à palavra, alguma coisa que se congela e o que eles produzem na língua é dificilmente admissível, pois não é articulado como enunciação que nos seja endereçada, da qual nós sejamos parceiros. Que este seja o S1 que enganche o sujeito no aparelho da linguagem (como nós vimos), é uma das hipóteses privilegiadas no campo freudiano. Ou mesmo ainda uma petrificação no S1 que permanece então sem conexão possível a um S2. É uma das propostas de Rosine e Robert Lefort, que, desde sua participação nos seminários de Lacan, têm representado uma corrente importante de acolhimento das crianças autistas e psicóticas na sequência de Lacan. Essa concepção se apoia na construção do grito na criança, primeira elaboração sonora da criança, que deve encontrar na resposta do Outro, o Outro materno, sua transformação em apelo. Esta transformação faz do grito, no só-depois, um S1 articulado ao S2 de sua resposta. Lacan, já interpelado sobre o grito na ocasião da conferência sobre o sintoma, havia dito: « Freud fala do grito em um dado momento. Seria necessário que eu o reesitue para o senhor. Ele fala do grito, mas isso é um fracasso total » (Lacan, 1975/1985, p. 20). Ele faz aí referência a uma passagem do « Projeto » de Freud.

Em sua reflexão, Lacan prosseguiu sua contribuição à questão dos discursos como modalidade de laço social, mas muito evidentemente, na esquizofrenia e no autismo, nós estamos fora do discurso, mesmo se o sujeito que envereda para a paranoia, com a notável ajuda do delírio, tenta forjar um semblante de discurso que faça um laço possível. J.-A. Miller, em um artigo sobre o que ele nomeia « Clínica Irônica », especifica com Lacan esta singularidade do esquizofrênico: ele não se defende do real por meio do simbólico, mais precisamente : « ele não se defende do real pela linguagem, porque para ele o simbólico é real » (Miller, 1993, p. 7). Assim, Miller mostra a inclinação irônica do esquizofrênico. Para ele, ela é, em suma, uma tentativa de dizer alguma coisa do mundo, dizer que o Outro não existe, que o laço social é no fundo uma fraude. Miller continua : « Na perspectiva esquizofrênica, a palavra não é o assassinato da coisa, ela é a coisa » (Miller, 1993, p. 9). É o que faz, no entanto, a ancoragem da psicose no mundo, é, seguramente, « a coisa », no sentido freudiano. E nós podemos isso nas declinações entre melancolia, paranoia e esquizofrenia. Nós compreendemos bem com estes elementos porque

desde seus primeiros trabalhos, Kanner tendeu a aproximar o autismo infantil da esquizofrenia e a própria escolha da denominação.

Para abordar este mundo e fazer consistir uma presença que possa se endereçar a um autista, R. e R. Lefort propõem inverter a propositição de Lacan : « há alguma coisa que não se pode dizer a eles » (Lefort & Lefort, 1997). Estéban Morilla (2001), em seu artigo de *Mental*, nota algumas dificuldades nas posições propostas pelos Lefort. Uma estrutura sem sujeito, e então a saída é a passagem para o lado de uma « psicotização ». Uma possibilidade para contornar estas dificuldades é a retomada de uma fórmula, já abordada por É. Laurent em 1992, e relançada por P. Naveau durante as 22ª Jornadas do CEREDA consagrada à « Criança e suas alegrias » (como notado por E. Morilla), a forclusão do significante do desejo da mãe (DM). Ausência então da própria possibilidade de simbolizar um desejo da mãe pela criança. Forclusão antecipatória que deixa a criança face a uma onipotência real. Morilla nota que para R. e R. Lefort a criança autista está fora da linguagem mais do que fora do discurso. Em 2003, Robert e Rosine Lefort pontuarão os percursos deles tomando a opção de propor uma estrutura autística, estrutura na qual o Outro não existe mais. Abertura que, em uma leitura do seminário de J.-A. Miller e É. Laurent sobre «O Outro que não existe e seus comitês de ética », os conduzia a um amplo questionamento sobre a civilização. Assim, a tese deles se singulariza nesta posição que não propõe o Outro ao sujeito, mas um duplo real. Esse trabalho soube suscitar no campo freudiano uma conversação necessária para constituir uma dinâmica de pesquisa e elaboração, que não seria necessário deixar de fora.

Depois dos Lefort¹, no campo lacaniano, Maleval se empenhou no estudo destas soluções autistas e na maneira como esses pequenos sujeitos tratam a relação deles com isso. Já nos anos noventa, Éric Laurent (1992), em um encontro do CEREDA² em Toulouse, contruiu uma discriminação do tratamento do gozo (isto é, as manifestações da vida no corpo, todas estas tensões e pulsões que animam a vida) não inserido em uma ordem simbólica (portanto não regrado pela atual ordem simbólica fundadora da civilização). Ele propôs que o gozo então retornaria seja no Outro (delírio), seja no corpo (dissociação), seja sobre uma borda (objeto ou similar). Esta diferença de tratamento do gozo não é em si mesma discriminatória entre psicose e autismo, mas Maleval vai retomar a proposição dos Lefort para justificar uma lacuna, no tratamento do objeto e da linguagem, nas construções imaginárias.

Primeiramente, na própria operação que institui a psicose desde Freud, operação que Lacan escreveu como forclusão do significante do Nome do Pai. Para que esta operação se aplique, já é necessária uma articulação significativa. O autista, estando à margem do Outro como lugar dos significantes, manifesta aí uma resistência nas cores da recusa, recusa referida a este suporte sonoro que se objetiva como voz no mundo humano (o que os estudos mais científicos confirmam³). Reduzir a voz à categoria do ruído não os poupa verdadeiramente do choque de seus efeitos, pois é neste lugar que se traça uma resposta possível aos movimentos da vida que os

habita. Ao não ceder a esta oferta, os humanos ao seu redor pressionam o autista para encontrar uma maneira de aproveitá-la. Mas se tratará sempre neste caso de um nova retroação, sem esta mordida no corpo que como marca real, incrita fora do alcance do sujeito, o liga a este corpo que o encarna. Daí esta tendência, que é retomada por alguns autores, de considerar a forclusão do Outro como o lugar dos significantes, inclusive encarnado nos parceiros parentais. Uma operação do mesmo tipo mas sobre um outro objeto. Exceto que, se fazendo sujeito, o autista mergulha de uma maneira ou de outra no significante.

É uma questão clínica central. Nós reencontramos ali um certo de crianças, de apresentação « pré-kanneriana » como diria Maleval, e que entretanto utilizaram por fase a linguagem de maneira muito performática, em uma certa relação a um parceiro, parceiro no início imaginário, que refluíu a posições muito pobres novamente. Eu observei fenômenos do mesmo tipo na esquizofrenia, certos sujeitos estabilizados, entretanto, frente a um encontro aleatório impossível caírem em uma catetonia profundo, corpo desabitado. Os sujeitos, que os enfermeiros me pediram para acompanhar, na falha de tratamentos eficazes, pelo compartilhamento de conversas incluindo o sujeito no pé da sua cama. Surpreso então do retorno repentino do sujeito à conversa (no melhor dos casos).

Ali, o enganche significante fez seu efeito. Mas com os autistas o apelo do significante não funciona quase nunca. Ao invés disso, é ao imaginário que é necessário fazer apelo, um imaginário pouco a pouco cenarizado para lhe dar uma inclinação simbólica. Pegar apoio sobre o objeto da criança, levá-lo em conta e se fazer parceiro dela para, por deslocamento, ser o que faz vezes de parceiro para estes sujeitos perdidos que podem então se engancharem ao que nós colocamos à disposição. E depois, evidentemente, se mostrar um pouco reticente, difícil, a arte sendo a de fazê-lo com o tato necessário para não romper o laço e introduzir o encontro a um efeito simbolizante, que permitirá ao sujeito tratar o mundo a partir daí. Ou ainda seguir o fio das construções que a criança já soube elaborar, jogos imaginários com os personagens, personagens que emprestam suas vozes aquele que não suporta isso.

Há portanto ali uma lacuna com a psicose, porque mesmo se o suporte significante é primordial aos efeitos de laço social, mesmo se nós os tiramos deste lado, os autistas só consentem a isso ao preço de tratá-lo às suas maneiras, sem aceitar sempre as restrições, e, sobretudo, o equívoco. Nenhuma ironia para o autista, ao contrário do esquizofrênico (Miller, 1993), nenhum jogo de significação! Este é o paradoxo para estes sujeitos tidos como em ruptura com o laço, eles são demasiado ligados a uma significação, à dimensão do signo. É também por isso que os acompanhamentos específicos à base de pictogramas e de signos, possuem uma certa eficácia para eles. Sem necessidade de demanda e de equívoco ! Mas é também um problema, pois, ao seguirem os signos, eles não podem saber nada sobre a incerteza do mundo, de suas falhas. E daí também o insuportável da falha para estes sujeitos tão minuciosos... Para o autista

uma demanda deve corresponder a uma resposta correlata, eles são aliás muito dotados em codificação. O risco então é o do excesso, o sintoma próprio ao autista é o excesso, excesso de vida, excesso de demandas, excesso de barulho... Totalmente inverso ao psicótico, para o qual há sempre a inquietude da questão que não poderia visar nada diferente de seu ser, e que é suscetível de afogar o outro em torrentes de reivindicações.

A originalidade de Maleval e a terapia por afinidade

Isso também se refere à concepção da psicose. Maleval nos parece ser aquele que, na sequência das intuições des Lefort, se interessou clinicamente rápido o suficiente na distinção entre esquizofrenia e autismo. Ele se inclinou sobre a questão muito cedo e, em 1998, propôs que o autismo não evolua em direção à psicose, mas em direção ao autismo (Maleval, 1998). Ele propõe em seus trabalhos diferenciar autismo e psicose pela clínica : « As características mais evidentes da psicose são dificilmente discerníveis no autismo ; entretanto eles compartilhavam em comum transtornos de identidade, do curso do pensamento e dos fenômenos de deslocalização do gozo que por muito tempo levaram a sublinhar a sobreposição parcial de suas duas clínicas » (Maleval, 2014, p. 170).

Mas também uma diferença pela história : « É a esquizofrenia de Bleuler que serve de referência a Kanner e a Asperger quando eles retiram a síndrome autística ; é porque um e outro vão procurar no vocabulário de Bleuler o termo pelo qual todos dois nomeiam sua descoberta sem terem se consultado e sem conhecerem seus trabalhos» (Maleval, 2014, p. 170). Finalmente, no decorrer da observação feita acima, ele nota como a ironia esquizofrênica é antagônica da imutabilidade autista (Maleval, 2014).

Ele enumera, assim, em um trabalho de três partes, publicado nos anos 2014-2015, sua hipótese sobre a estruturação autística [4] por toda uma série de fatos contraditórios entre as posições psicóticas e autistas que marcam os acompanhamentos a serem necessariamente diferenciados. Tratamento do objeto, do parceiro, do signo, da regra e do significante. Por fim, ele retoma um dos elementos destacados por todos os médicos e pesquisadores, a idade de início dos transtornos. Já era, aliás, um marcador para Kanner, e isso permanece, a criança autista manifesta de saída sua discrepância para o parceiro e para o mundo em geral, é especialmente isso que sustenta a esperança de reduzir essa diferença a um dano orgânico. Portanto, não há nenhum desencadeamento no autismo, outra grande diferença que indica que não estamos lidando com uma falha após a inscrição em um curso, mas com uma partida impedida, eu diria. Finalmente, um amplo consenso entre os autores modernos nos lembra a quase ausência virtual da passagem do autismo para a esquizofrenia (Maleval, 2014).

Todos esses trabalhos o levou a nos propor, como haviam considerado nos tempos deles Rimland e Kanner, mas não pelas mesmas razões, que o autismo seja uma estrutura clínica por

direito próprio. Para teorizar isso, Maleval se baseia em alguns pontos. O objeto, claro, o qual ele faz o parceiro do autista e o suporte de um imaginário que pode se estender ao seu mundo. E, nesse conjunto, o objeto voz, cujo tratamento parece ser um dos pontos de partida para o posicionamento autista. Seu trabalho sobre a língua no autismo (Maleval, 2011) permite que ele especifique o uso tão particular que o autista faz dela, e situa este último em uma perspectiva muito diferente do psicótico que na voz encontra o objeto de sua perseguição. Assim, com a ocorrência da enunciação surpreendente em sujeitos outrora mudos, ele encontra a demonstração de que o autista tem uma certa relação com o Outro, mas uma relação das mais dolorosas que ele só pode rejeitar por não conseguir contê-la. A tese de Maleval é que :

Ele [o autista] não ficou na borda da alienação, ele está sim na alienação, mas ele a recusa. A alienação significativa não é assumida pelo autista. Não há *afânise* do sujeito, ao contrário a linguagem faz eco no corpo; de modo que Jacques-Alain Miller sugere usar o termo *falasser* para designar o autista, (Maleval, 2011, p. 161)

É, portanto, nessa relação tão estranha (para nós) ao significativo que o autista se aloja, onde a palavra não é totalmente o assassinato da coisa, e portanto onde o semblante é deficiente. Nós alcançamos aqui esses encontros com jovens autistas que, educados, citam a palavra diante da imagem da coisa, mas sem nunca ter triturado o significativo previamente para abordá-la. Esta menina, tendo se beneficiado do acompanhamento precoce e intensivo de uma reeducação ortofônica, soube responder cão diante da imagem do cão, vaca diante da imagem da vaca, sem nunca ter usado "uau" ou "muu" ou qualquer outra manipulação do significativo, e que obviamente nunca usa. Voltaremos a isso.

Outros autores lacanianos, sem construir um modelo de acompanhamento como Maleval com a terapia de afinidade, propuseram interpretações sobre a questão autística.

Laznik e Preaut.

M. C. Laznik e sua colega G. Gabassu organizaram seminários que visam articular teses sobre o fracasso da estrutura (se articulando com as equipes do PMI) e as dificuldades das famílias. A pesquisa PREAUT[5] que eles iniciaram deu origem ao longo dos anos à publicação de uma revista, « Les Cahiers de Preaut » [6], um dos objetivos sendo tentar validar sinais preditivos de autismo em crianças menores de 2 anos. Essa corrente, portanto, se afasta das duas precedentes em sua lógica, mas se orienta pela mesma referência a uma leitura de Lacan. Vejamos agora algumas dessas teses.

Interessada nas crianças e no risco do autismo, Marie-Christine Laznik (1996/2003), retomando contribuições de Colette Soler e referindo-se a Lacan, em particular a partir do

Seminário XI, evoca que na constituição do sujeito existem dois tempos, a alienação e a separação (entrevista publicada em novembro de 2005 no site *Œdipe* para a publicação dos Cahiers de Préaut). É esse tempo de alienação que faltaria na constituição do sujeito autista. Haveria, portanto, uma parada no circuito pulsional da voz. O que orienta o tratamento é que o psicanalista possa chegar a recolocar na rota esse circuito pulsional brincando com o bebê e com sua mãe. Nesse laço transferencial, a mãe pode reencontrar uma voz que carrega a "pulsão invocante" que a indiferença do bebê havia apagado. Marie-Christine Laznik (1996/2003) tenta demonstrar em sua pesquisa que existem certas dimensões prosódicas e rítmicas que ninguém pode evitar, nem mesmo o bebê em risco de autismo. Se responde à voz humana, ativa áreas do cérebro que, no desenvolvimento do autismo, normalmente não são ativadas e diminuem. Uma possível abordagem terapêutica consiste em buscar estabelecer uma relação com a criança suscetível de se tornar uma criança autista, jogando com essa dimensão da voz no vínculo com a mãe. Marie-Christine Laznik (1996/2003) tenta demonstrar em suas pesquisas que existem certas dimensões prosódicas e rítmicas que ninguém pode subtrair, nem mesmo o bebê em risco de autismo.

Ela coloca que haveria, assim, uma parada no circuito de pulsional da voz. Ela conjuga, portanto, o objeto voz como não instituído pela impossível organização pulsional na ausência de alienação; articulando a ausência de alienação ao significante com a não instituição da voz como objeto humano. Marie-Christine Laznik para isso referênciava a estudos recentes de neurociências e fisiologia. Os pesquisadores notaram que o jovem autista não distinguia a voz humana de outros sons, ao contrário de outras crianças (Zilbovicius, 2005).

Ela raciocina, assim, em eco com os trabalhos de neurobiologia. Se o bebê responde à voz humana, ele ativa as zonas cerebrais que, no desenvolvimento do autismo, não estão normalmente ativadas e diminuem. Uma possível abordagem terapêutica consistiria em buscar uma relação com a criança suscetível de se tornar uma criança autista, brincando com essa dimensão da voz no vínculo com a mãe. Com base na experiência do seminário do centro A. Binet liderado por B. Touati, um livro recente oferece uma série de exemplos terapêuticos desse trabalho sobre a voz e a linguagem (Touati, 2007).

Mas Laznik, influenciado pela tese de uma colega brasileira (Vocaro, 2009), também virá a tentar diferenciar autismo e psicose a partir do que se elabora entre real e realidade, no nó dos registros real, imaginário e simbólico. Assim, ela produziu um capítulo interessante em 2016, onde tenta distinguir psicose e autismo em crianças. Sua demonstração segue a tecitura dos três registros RSI e as falhas que podem vir a impedir o nó borromeano evidenciado por Lacan. Na verdade, sua hipótese está abaixo, já que ela parte do postulado de que é a imaginação que é afetada no pequeno sujeito autista e que é esse « filamento » que muito rapidamente perderá seu gancho nos outros dois registros. Daí a lacuna que ela demonstra, tanto com Joyce (no qual se inspirou) quanto com a psicose da qual sugere vários tipos de fracassos. Assim, ela escreve:

É recorrente concordar que crianças autistas possuem um defeito do campo do imaginário. Não apenas o corpo não se envolve com as outras instâncias, mas geralmente é difícil para eles imaginar histórias. Mesmo os autistas de alto nível padecem dessa dificuldade. Isso às vezes lhes oferece a possibilidade de tratar o Simbólico com o Real sem se preocupar com as dimensões do Imaginário. Isso pode render excelentes engenheiros. Mas na vida do dia a dia, isso não facilita o contato com os outros. (Laznik, 2016, p. 428).

Sobre o fato de que lhes é difícil imaginar histórias, a questão se coloca, como para Dona Williams por exemplo e outros. Mas a trilha é interessante, já que ela lembra que toma o real do lado do orgânico (a vida que aponta Freud (1950[1895]/2011) a partir do « Projeto », como dito acima), o simbólico como a ordem do mundo (e aí com Freud e Lacan posicionamos a linguagem), e para o imaginário, ela diz « O Imaginário será a possibilidade de ver o que ainda não adveio, *Sua Majestade o Bebê*, lá onde só há momento que um pequeno organismo muito frágil » (Laznik, 2016, p. 428). Este imaginário primitivo levanta questão na lógica lacaniana. Com efeito, Lacan apreendeu tanto o estudo de Freud sobre o narcisismo quanto o que ele elaborou como estádio do espelho. O registro do imaginário em Lacan refere-se à imagem do corpo, ao registro da isca e da identificação, o registro que perturba e subverte o encontro com os outros. Para Lacan, o estágio do espelho é o momento fundador de uma unidade imaginária que permanece alienante, ao mesmo tempo que permite ao pequeno ser posicionar-se diante do Outro. Esta é a abordagem lacaniana do narcisismo. Esse imaginário parasitará constantemente o sujeito em sua relação com o desejo ou, mais radicalmente, com seu corpo. É por isso também que na esquizofrenia nós teremos essa dificuldade com o corpo e sua unidade. No imaginário, encontramos uma certa continuidade enquanto o simbólico introduz a ruptura, a oposição que funda o código. Portanto, é difícil acessar o imaginário na ausência de um nó no simbólico. E os dois registros do simbólico e do imaginário se esfoçam, enodando-se, para cobrir o real de sentido.

Sem querer adicionar mais dificuldade, e até mesmo encontrar lacunas nisso, é claro que o esforço de Laznik se junta aos anteriores de Maleval e dos Leforts na distinção do autismo (Lefort & Lefort, 2003). Se nos Leforts persiste uma ambiguidade quanto a essa diferença com a esquizofrenia, para tomá-los a sério esses autores separaram o autismo da psicose em geral.

Acrescentemos que, com a associação PREAUT, os psicanalistas e os pesquisadores que trabalham com Laznik desenvolveram certas ferramentas. Em um estudo multicêntrico coordenado pelo Professor C. Bursztejn, do Hospital Universitário de Estrasburgo, 27 itens relatados na literatura como suscetíveis de anunciar o aparecimento de um transtorno autista foram testados em 2.350 crianças no decorrer de exames de saúde sistemáticos entre 8 e 13 meses. Ao final deste estudo, 8 desses itens, cuja presença pôde ser constatada em pelo menos 95% dos bebês

saudáveis examinados, foram considerados suficientemente confiáveis para serem utilizados nesta idade: eles constituem o « questionário sobre o desenvolvimento de comunicação » (QDC). A equipe Préaut, levando em conta os estudos sobre as interações precoces, e, em particular, os de C. Trevarthen e sua equipe (Aitken & Trevarthen, 2003), decidiu então unir sua pesquisa com a do Prof. Bursztein. A ideia apresentada por G. C. Crespin e J. L. Sarradet foi reunir e validar o conjunto desses índices para o rastreamento de transtornos do desenvolvimento. Partindo de uma primeira ferramenta internacional, o CHAT [7], o mesmo protocolo global foi, assim, testado e adaptado no quadro da pesquisa Préaut e, desde então, foi expandido nos centros de triagem.

Outros marcos lacanianos

Ao se interrogar sobre esse universo específico em que se posiciona o sujeito autista, espaço que induz a reflexões sobre suas dimensões (apenas 2?), sobre sua temporalidade, sobre sua dimensão lacunar ou centrada em um envelope ou uma carapaça, desenvolveram reflexões topológicas. Foi assim que outro pesquisador, Gilles Mouillac (2014), também concluiu uma tese sobre a topologia do autismo. Isso levanta questões sobre a inserção do discurso da psicanálise no campo social, a questão de sua transmissão, que deve se dar mais em propostas de acompanhamento que em sobre suas elaborações. E não unicamente com esses textos muito técnicos, às vezes também com trabalhos fazendo apelo à imaginação. Assim, Sauret, que trabalhou muito a questão do autismo, pôde escrever, em 2019:

Para certos círculos acadêmicos e intelectuais, mas igualmente também para uma de nossos contemporâneos, a psicanálise se tornou incompreensível; confesso que certos desenvolvimentos de Meltzer, por exemplo, me parecem simplesmente delirantes: os psicanalistas estariam mais ameaçados pelo autismo entre vários do que pelo autismo à dois, como Lacan suspeitava o tratamento. (Sauret, 2019, p. 113)

Sauret faz uma análise muito ancorada no simbólico com um eixo sobre a linguagem e os estranhos enunciados dos autistas, retomando como Grollier os trabalhos de Kanner.

Inspirado em Pierre Bruno, ele se questiona, como Maleval, sobre a constituição, no sujeito autista, de um Outro de síntese, o qual viria tentar incluir o sujeito em uma certa ordem da linguagem. É a questão da recusa ou da falta de um significante que tendo mordido a vida do sujeito, o que produz gozo em seu corpo e o propulsiona na lógica significante. No lugar desse S1, haveria uso de objetos ou qualquer outro instrumento que articule o sujeito com outros, que autoriza uma certa circulação deste, desses gozos que não cessam com a vida. Sobre o papel do objeto, por vezes também aqui as posições diferem em seu tratamento. Assim Sauret (2019): « Há uma posição que quero estigmatizar: aquela que consiste, sob o pretexto do 'tratamento do

Outro', em dirigir-se aos objetos que o sujeito não consegue integrar no mundo que ele construiu e cuja exterioridade parece persegui-lo » (p. 114). Enquanto os primeiros psicanalistas se inquietavam com o que parecia no objeto reforçar o corte ou o afastamento do mundo, o que levou Tustin a considerar que a criança autista está lidando com um mundo perigoso encarnado tanto nos objetos maus quanto nos parceiros perigosos. Mas a experiência mostrou sua utilidade, por falta de uma melhor, para os sujeitos autistas. Fica que o debate persiste entre aqueles que pressionam para desumanizar o objeto para acompanhar a criança em direção ao ser falante e aqueles que o usam como o autista apostando em um deslocamento a advir. Como Golse (2006, p. 457) lembra: « Mas isso acrescenta no fundo o que dizia F. Tustin sobre o objetivo de toda terapêutica da criança autista: fazer a criança sentir que outro existe e que ele não é perigoso... simplesmente! ».

Também é necessário citar Juan Pablo Lucchelli. Psicanalista, psiquiatra e pai de uma criança autista, ele trabalha em instituição hospitalar e escreveu notoriamente *Autismo. Que lugar para a psicanálise?* (Lucchelli, 2018). Precisemos então que ele é psiquiatra, mas tem um doutorado em psicanálise, um doutorado em psicologia e um doutorado em filosofia, percurso que mostra sua busca no saber para interrogar a condição humana. Lucchelli assume uma posição clara, o autismo é diferente da psicose (da esquizofrenia) e observa como, pela primeira vez, o DSM endossou um ponto que tem gerado dificuldade para a psiquiatria europeia. O autismo não é para ele nem um déficit, nem uma psicose, e, se o autismo é de fato um transtorno neurobiológico que determinando uma relação diferente com a realidade, trata-se de acompanhá-los da melhor maneira possível em suas invenções, e é aí que, para ele, a psicanálise pode encontrar o seu lugar.

Tradução : Flavia Lana Garcia de Oliveira

Revisão : Catarina Coelho dos Santos

Notas:

1. Notadamente a partir de sua obra: Lefort R.et R. La distinction de l'autisme. Paris: Seuil; 2003.
2. CEREDA : Centre d'Etude et de Recherche sur l'Enfant dans le Discours Analytique.
3. Gervais H. et coll. Pesquisa com ressonância magnética realizada pela equipe da Universidade de Tours intitulada "Reconhecimento de voz por sujeitos autistas", que converge com o trabalho de M. Zilbovicius na mesma equipe.

4. Trabalho publicado nas revistas *La Cause freudienne* números 23, 24 e 25, em 2014 e 2015.
5. Association PREvention AUTisme, que publica regularmente Cadernos e contribui com pesquisas, e tem centros para crianças autistas - <https://www.preaut.fr/lassociation-fr/>.
6. Les cahiers de Preaut, Revisão Anual da Associação Preaut, Eres, Toulouse.
7. *Checklist for Autism in Toddlers* (CHAT), teste inicialmente desenvolvido e validado em 1992. Simon Baron-Cohen e seus colegas, que elaboraram o CHAT, compilaram os dados sobre 16.000 crianças do sudeste da Inglaterra que foram testadas. Este teste de previsibilidade foi avaliado várias vezes e parece dar resultados interessantes (S. Baron-Cohen, J. Allen, C. Gillberg, ano, referência). Trata-se de um questionário geral que pode ser transmitido para a família por um clínico geral. O CHAT é constituído por dois questionários: um reservado aos pais, o outro ao médico ou ao assistente social.

Referências Bibliográficas

- Aitken, K. & Trevarthen, C. (2003). L'organisation soi/autrui dans le développement psychologique humain. *La psychiatrie de l'enfant*, 46(2), 471-520.
- Ansermet F. (1997). Entretien avec R. et R. Lefort: Sur l'autisme, travaux et recherche en cours. *Archives de psychanalyse, l'enfant prêt à porter*. Paris : Éditions Agalma.
- Crespin, G. C. & Sarradet, J. L. Évaluation d'un ensemble cohérent d'outils de repérage des troubles précoces de la communication pouvant présager un trouble grave du développement de type autistique La recherche Préaut. *Journal français de psychiatrie* (25), 46-48.
- Golse, B. (2006). À propos des stéréotypies chez les enfants autistes. Entre recherche et évitement de l'objet ou entre reprise développementale et dévitalisation. *La psychiatrie de l'enfant*, 49, 443-458.
- Freud, S. (2011). Esquisse d'une psychologie scientifique. In: *Nouvelle Traduction Bilingue*. Toulouse: Érés. (Travail Original de 1950[1895]).
- Lacan, J. (2001). L'étourdit. In *Autres écrits*. Paris: Seuil. (Travail Original de 1973).
- Lacan, J. (1985). Conférence de Genève sur Le symptôme. *Le Bloc-notes de la psychanalyse*, 5, 5-23. (Travail Original de 1975).
- Laurent, E. (1992). *L'autisme et la psychanalyse*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- Laznik, M.-C. (2003). Vers la parole, trois enfants autistes en psychanalyse. Paris: Denoel, Espace Analytique. (Travail Original de 1996).
- Laznik, M.-C. (2016). Peut-on penser une clinique du nœud borroméen qui distingue psychose et autisme chez le tout-petit ?. In Bergès-Bounes, M. et al (Org.). *Les psychoses chez l'enfant et l'adolescent* (pp. 415-437). Toulouse : ERES

- Lefort, R. & Lefort, R. (2003). *La distinction de l'autisme*. Paris: Seuil, Champ Freudien.
- Lucchelli, J. P. (2018). *Autisme. Quelle place pour la psychanalyse?*. Édition Michele.
- Maleval, J.-C. (1998). De l'autisme de Kanner au syndrome d'Asperger. *L'Évolution psychiatrique*, 3(63), 293-309.
- Maleval, J.-C. (2011). Langue verbeuse, langue factuelle et phrases spontanées chez l'autiste. *La Cause freudienne*, 78, 77-92.
- Maleval, J.-C. (2014). Pourquoi l'hypothèse d'une structure autistique ? (I). *La Cause Du Désir*, 87(2).
- Maleval, J.-C. (2014). Pourquoi l'hypothèse d'une structure autistique? (II). *La Cause Du Désir*, 87(3).
- Miller, J.-A. (1993). Clinique Ironique. *La Cause Freudienne, Revue de psychanalyse*, 23, 5-13.
- Morilla, E. (2001). L'autisme: des positions divergentes dans la psychanalyse. *Mental, Revue internationale de psychanalyse appliquée*, 11.
- Mouillac, G. (2014). *Topologie de l'autisme*. (Thèse de Doctorat). Université Rennes 2.
- Sauret, M.-J. (2019). In Bruno, P. et al. *La différence freudienne*. (pp. 113-120). Toulouse: ERES | Poche – Psychanalyse.
- Touati, B., Joly, F. & Laznik, M. C. (2007). Langage, voix et parole dans l'autisme. Paris : PUF le Fil Rouge.
- Vorcaro, A. (2009). Topologia da formação do inconsciente: o efeito sujeito. *Estudos Lacanianos*, 3, 45-62.
- Zilbovicus, M. (2005). Imagerie cérébrale et autisme infantile. In: Berthoz, A, Andres, C., Barthélemy, C, Massion, J. & Rogé, B. (Org.). *L'autisme, de la recherche à la pratique*. Paris: Odile Jacob.

Citação/Citation: Grollier, M. (mai. 2019 a out. 2019). As especialidades lacanianas na oposição psicose/ autismo. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(28), 6-19.

Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n28p06-19

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 02/08/2019 / 08/02/2019.

Aceito/Accepted: 04/10/2019 / 10/04/2019.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.